

/ PALAVRA DO LEITOR

Áreas alagadas e aterros

Construído após a grande enchente de 1941, o aterro Praia de Belas, em Porto Alegre, é uma das áreas que está alagada desde o fim da semana passada e não há previsão de quando começará a baixar. Em outras regiões, como Cidade Baixa, Centro, Floresta, São Geraldo, Navegantes e Humaitá, verte água por bueiros onde, em situações normais, a água da chuva deveria ser drenada (coluna Pensar a cidade, **Jornal do Comércio**, edição de 08/05/2024). Simplesmente não há um mapa de cota de inundação dos rios correlacionando com as cotas de terrenos. Assim fica imprevisível até onde a água irá. Não temos nenhuma informação com antecedência para um mínimo de planejamento de evacuação. Sistemas de contenção ineficazes e de informações também. *(Daiane Machado)*



Áreas Alagadas II

Porto Alegre precisa com urgência dragar lagos e rios para que se melhore a condição de escoamento dessas águas. Acho que o governo nunca se preocupou com o assoreamento dessas águas, nunca foi feito um trabalho nesse sentido. *(Cesar Miguel Artemenko)*

Bento Gonçalves

Na quarta-feira, a prefeitura de Bento Gonçalves voltou a realizar a evacuação das regiões atingidas pelos deslizamentos e enchentes na última semana. Uma análise realizada pela equipe técnica de geólogos constatou rachaduras e possibilidades de novos deslizamentos (Site do JC, 08/05/2024). Muitas áreas com morros estão encharcadas. Houve uma ocupação desordenada em massa de áreas necessárias para a manutenção do ecossistema. Por isso, é preciso tirar pessoas que vivem nessas áreas definitivamente. *(Clarisse Santana)*

Aviação

Ante o fechamento do Aeroporto Internacional de Porto Alegre em meio à tragédia climática que atinge o Rio Grande do Sul, companhias aéreas estão ampliando a oferta em terminais em Santa Catarina (coluna Plano de Voo, JC, 08/05/2024). Precisam aumentar voos para Caxias do Sul, Pelotas e, também, no Aeroclube de Porto Alegre. *(Giordano Figini)*

Varejo

O Cestto, primeiro atacarejo do Grupo Zaffari em Porto Alegre, está quase pronto. A construção gigante, em formato de caixa sob as cores grafite e vermelho, que fazem parte da identidade visual da marca, contrasta no cenário do bairro Tristeza, na Zona Sul da Capital (coluna Minuto Varejo, JC, 25/04/2024). A obra tem causado muitos transtornos no trânsito. Além disso, cortaram todas as árvores que havia no terreno e reduziram consideravelmente a calçada na avenida Copacabana. Lamentável. *(Raquel Hermann Knies)*

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

A Recuperação

Luiz Carlos Bohn

Estamos vivendo um desastre sem precedentes no Rio Grande do Sul. Uma centena de vidas perdidas, de valor inestimável. Quase 170 mil pessoas já tiveram que deixar suas casas e 70 mil já se encontram em abrigos comunitários. Se estes refúgios formassem uma cidade, ela já estaria entre as 30 maiores do Estado, com população superior a 94% de nossos municípios.

O momento é de auxílio emergencial, com ações para resgatar, abrigar e assistir as famílias afetadas. Isto é prioridade, para atenuar o impacto de curto prazo do desastre. O Sistema Fecomércio-RS/Sesc/Senac vem realizando diversas ações humanitárias neste contexto, mantendo abrigos, realizando serviços e distribuindo doações.

Sem concorrência com estas iniciativas, no entanto, precisamos começar a pensar na recuperação. Os impactos de médio e longo prazo das enchentes poderão ser ainda mais graves. Apenas as perdas patrimoniais das famílias devem passar de bilhões de reais. Somadas à destruição de infraestrutura e às perdas das empresas, que limitarão a capacidade produtiva gaúcha daqui para frente, elas significarão um peso a ser carregado durante muito tempo.

Em primeiro lugar, já podemos concluir que o volume de recursos necessários para a reconstrução de patrimônio, público e privado, está em um pata-

mar que apenas as finanças públicas federais conseguem atingir. Assim como os gaúchos prestam seu auxílio permanente ao restante do País, neste momento de catástrofe, nós precisaremos de ajuda. Em segundo lugar, precisamos lembrar que uma recuperação sustentável depende da geração de renda e da manutenção de emprego para as famílias gaúchas. E isso, por sua vez, passa pela capacidade das empresas atingidas retomarem suas atividades.

Inúmeras empresas sofreram, além da interrupção de receitas, perdas devastadoras, incluindo edificações, máquinas, equipamentos, mobiliário e estoques. São ativos essenciais, que permitem a produção e a geração de renda para centenas de milhares de gaúchos. Por isso, estamos solicitando ao poder público, nas três esferas, diversas medidas, desde flexibilizações de normas até auxílios financeiros diretos, para possibilitar às empresas atingidas uma retomada célere. Serão estas empresas que sustentarão nossa recuperação.

Presidente da Fecomércio-RS/Sesc/Senac

Uma recuperação sustentável depende da geração de renda e da manutenção de emprego

12º cadastro? Não vai rolar

Maurício Coloniezzi Erthal

Há muitas provas de que para a solidariedade não existem limites. Credos, partidos políticos, etnias, instituições e particulares, todos estão no mesmo nível de entrega e esforço. Na solidariedade verdadeira não há se quer cargos. Há língua comum, aspirações únicas e muita, mas muita vontade de acertar.

A falta de um protocolo único, em um momento como o que o RS vive, atua na contramão da contingência

oferta sua palavra neste momento de dor.

Os órgãos públicos, todos, sem exceção, já possuíam minha profunda admiração. Nesta feita, passo a respeitá-los ainda mais. Quem está vivendo o dia de um espaço de acolhida, tem provas disso. Vocês cumprem o seu dever sim; possuem o desejo de acertar sempre e desprenderam seus profissionais com emprego de toda técnica necessária e o rigor que o momento exige.

Em todos os espaços de acolhida, foi necessário conhecermos as pessoas e sua história. O marco

zero, foi a realização de um cadastro. Depois outro... Depois outros 12 aconteceram. Todos com a melhor das intenções e com a técnica necessária, revestida de humanidade.

Todos os órgãos de proteção públicos, sem exceção, alguns deles repetidas vezes, fizeram o seu cadastro. Algum deles, por seus agentes, narraram que faziam este gesto por solidariedade, inclusive. Como um dos responsáveis de espaço de acolhimento, aceitei todos, até o 12º, que foi e continuará sendo o último cadastro feito no espaço onde estou com os irmãos desabrigados.

Não permitirei mais, aqui, novas anamneses, coleta de dados, questionamentos direcionados a eles. Peço que se organizem em seu "gesto solidário", necessário e técnico.

Obviamente, todos sabemos o porquê disso ocorrer. Na crise, a fragilidade de um sistema de dados fora do ar ou a ausência de um protocolo único de como agir em um momento como este, atuam na contramão da contingência e desrespeitam a pessoa humana que já está em sofrimento e sem respostas.

Confesso a vocês. Estou propenso a ceder a formalização do 12º cadastro, a partir do momento em que o poder público e os órgãos de controle de direitos disserem: - chegou o momento desta grande família dar um até breve! Vamos para novos lares! Até lá, agradeço aos que me compreenderam, mas enquanto isso não ocorrer, o 12º cadastro não irá rolar por aqui.

Vice-Diretor Administrativo do Colégio Marista Rosário